

PREFÁCIO

“O MUNDO PRECISA SER DECIFRADO”: TAREFA DE CIENTISTAS E PROFESSORES

Do ser humano heterônomo ao
ser humano autônomo

A conquista da autonomia não representa alcançar um lugar de isolamento no qual o sujeito individual pense e decida sua vida de modo abstrato, fora das relações sociais. (DELLA FONTE; PEREIRA, 2022, p. 102)

Tomar a aplaudida obra teatral *Vida de Galileu*, de Bertolt Brecht, e, nela, a relação mestre-discípulo de Galileu com seu auxiliar-aprendiz Andrea, como eventual e possível paradigma inspirador da relação professor-aluno nos dias de hoje, é de *per si* uma ideia brilhante. Fazê-lo quando se comemora o centenário do re-

nomado filósofo-educador universal Paulo Freire, uma ideia ainda mais luminosa e oportuna.

Ao ter o privilégio de uma primeira leitura deste pequeno grande livro, imaginei que Paulo Freire também teria imenso prazer em fazê-lo. E talvez pudesse escrever, em carta, e-mail ou *WhatsApp*, a seus autores, que, de fato, a educação – que liberta o homem, que o conduz a sua plena humanidade e que o transforma de um ser heterônimo em um ser autônomo – não foi uma pura e simples invenção sua. Ele teria tido o mérito de propor seu *aggiornamento* para os alienantes e perigosos tempos em que vivemos. De Hesíodo e Sócrates a Galileu Galilei e tantos outros educadores que antecederam ou sucederam o mestre retratado por Brecht, a formação do discípulo – que um dia ombrear-se-á com o mestre e, depois, o superará, como um ser plenamente humano e autônomo – tem sido a marca obrigatória dos autênticos educadores ao longo da história.

Como nos lembra a epígrafe da Introdução desta obra, a história de Galileu Galilei poderia lançar luzes sobre muitos desafios e questões atuais: “[...] o debate em curso a respeito dos domínios da ciência [incluído o “negacionismo científico”] e da religião, da defesa do ensino de

ideias criacionistas e dos ataques desinformados ao intelectualismo e ao conhecimento.” (LIVIO, 2021, p. 25). Entretanto, dentre essas múltiplas luzes galileanas, os autores – atentos às exigências da educação hoje, que decorre, como sempre, em boa medida da adequada e madura relação professor-aluno – foram buscar na vida desse pioneiro da ciência moderna, em especial na relação mestre-discípulo entretida no curso de suas experiências e descobertas, modos de pensar e agir que iluminassem o cotidiano dessa relação pedagógica hoje e ajudassem a compreender e superar suas inerentes contradições.

Para chegar aos possíveis aportes e eventuais ensinamentos que a obra *Vida de Galileu*, de Brecht, poderia trazer para a relação mestre-discípulo nos tempos atuais, os autores fazem o caminho normal exigido por um estudo como este: contextualizar a obra de Brecht, suas diferentes versões e em que circunstâncias histórico-sociais se deram, e que condicionavam a própria versão do autor sobre estes aspectos particulares da vida de Galileu. Brecht, mostram os autores, faria com que cada uma das três versões da peça teatral levasse os seus expectadores a refletir sobre os problemas vividos pela ciência em cada um dos

diferentes momentos do período que vai dos anos 1930 aos anos 1950. A primeira versão, elaborou-a em seu exílio na Dinamarca, quando fugia do nazismo que se impunha em sua pátria e fazia da ciência instrumento eficaz e poderoso desse regime de horror; a segunda, redigiu-a no exílio norte-americano, ao tempo em que a ciência era também manipulada na produção de armas nucleares produtoras das tragédias mortíferas de Hiroshima e Nagasaki; a terceira, concluiu-a no seu retorno à pátria alemã, no pós-guerra, quando eram manifestos e crescentes os riscos de utilização da ciência para a destruição da humanidade no contexto da Guerra Fria.

O que emerge com força da leitura dessa rememoração histórica atualizada da vida de Galileu é a insuperável contradição presente na aventura da ciência moderna desde seu nascimento à contemporaneidade. Tal contradição constitui-se de pelo menos dois principais elementos. Para Galileu, nas palavras de Brecht, a ciência teria como única finalidade o alívio da “canseira da existência humana”. A grande questão é como conciliar esta finalidade com os usos a que a ciência se prestava nos tempos do teatrólogo e poeta alemão, que incluíam o horror da destruição de milhões de seres

humanos e ameaçavam, como continuam a ameaçar, a sobrevivência total da humanidade.

Ao fazerem um breve apanhado de partes centrais dessa obra brechtiana, os autores – dentre tantos aspectos que chamam a atenção de cada leitor, segundo sua própria experiência, seus interesses e suas indagações – irão fazer, explícita ou implicitamente, alguns destaques que, no meu entender, merecem ser aqui apontados: 1) evidentemente, o papel pioneiro de Galileu quando dos primeiros passos da ciência moderna; 2) o papel, retardador do avanço da ciência moderna, exercido por visões e crenças obscurantistas, fortalecidas, ao longo dos séculos, por múltiplos interesses, sacralizadas pelas autoridades eclesiásticas e garantidas pelas civis dos Estados laicos ou teocráticos; 3) a finalidade da ciência, do conhecimento, e sua relação com o bem-estar da humanidade, do que decorreria sua imprescindível aproximação com o povo; 4) a distinção e a ideal complementaridade entre o trabalho do cientista e o do professor, assim como o papel subversivo, revolucionário, de um e de outro, quando criam a dúvida e despertam o olhar crítico do povo; 5) a não neutralidade da ciência e os perigos da fé ingênua que nela depositam cientistas e não cientistas.

Assim como, ao ler este livro, foi inevitável pensar na figura, no pensamento e na ação filosófico-educativa de Paulo Freire, a explicitação, ainda que não exaustiva desses cinco pontos acima arrolados, fez-me pensar no alcance dessas reflexões dos autores na constituição de um conjunto de questões cruciais sobre a realidade dos tempos presentes no mundo e, em especial, em nosso país.

Será inevitável, acredito, à maioria dos leitores desta obra pensar, de forma direta ou mediata, no que está ocorrendo nos anos recentes em nosso país, seja no campo da educação superior e básica, seja no da produção científica e formação de cientistas. Tanto um campo como o outro, complementares e imbricados, são objeto de destruição por um processo com duas faces: obscurantista, anticientificista e anti-intelectualista, de um lado, e privado-mercantilista e predatória do Fundo Público, de outro. Os instrumentos usuais neste processo, em tempos de neoliberalismo exacerbado, são tanto a desqualificação da educação, mormente pública, em todos os níveis, assim como da ciência e das instituições formadoras de cientistas, e a crescente tentativa de transformar tais instituições, no caso

universitárias e de pesquisa, em organizações sociais produtoras de ciência tecnológica inovadora a serviço, quase exclusivo, do mercado. Além de se promover, por todos os meios, a desqualificação, discursiva e de fato, das ciências básicas, sociais e humanas. E isto sendo posto em prática mediante legislação e normas jurídicas, mas, especialmente, por meio do instrumento mais persuasivo e eficiente dentre tantos que é a sistemática e progressiva redução dos recursos do Fundo Público para instituições universitárias e de pesquisa estatais públicas.

Será também inevitável aos leitores deste livro olhar para o presente e o futuro próximo de nosso país e para o papel insubstituível de cientistas e professores na obra por excelência da ciência e da educação de transformar crianças, jovens e adultos de qualquer idade, de seres dependentes e heterônomos em seres plenamente humanos e autônomos para a construção coletiva, comum, de uma nação justa, civilizada e soberana.

Muitos aspectos deste livro poderiam ainda ser apontados para convencer seus futuros leitores a lê-lo com o prazer com que o li e para considerá-lo um rico ensaio sobre temas sempre, especialmente hoje em nosso país, de enorme relevância e

atualidade. Acredito, entretanto, que o conteúdo destacado nas páginas acima seja suficiente para mostrar que ele deverá ter a melhor acolhida de tantos que se preocupam com os percalços que enfrentam a ciência e a educação em nosso país e a urgente necessidade de superá-los.

Piracicaba, verão de 2021.

Valdemar Sguissardi
Prof. Dr. Titular (aposentado) da UFSCar